



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1523 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA REALIDADE DOS SUJEITOS DO CAMPO: O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA COMO PRÁTICA EMANCIPADORA

Ghane Kelly Gianizelli Pimenta - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA REALIDADE DOS SUJEITOS DO CAMPO: O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA COMO PRÁTICA EMANCIPADORA

Apresenta uma pesquisa em andamento, que se realiza em uma escola pública do campo com o objetivo de analisar como a alfabetização, a partir da realidade, dialoga com a complexidade dessa realidade, com vistas à emancipação dos sujeitos. Propõe práticas de ensino da leitura e da escrita, exercendo a dialética entre os conhecimentos da alfabetização e as práticas sociais dos alunos. Trata de uma pesquisa participante que adota nas análises as reflexões a partir da perspectiva de linguagem de Mikhail Bakhtin e dos princípios da dialogicidade de Paulo Freire. Ancorada no método dialético, por meio de uma práxis permanente e articuladora entre as práticas sociais do campo e os conhecimentos escolares. Espera-se como resultado desta pesquisa, a produção de conhecimentos na área de alfabetização em que haja uma relação intrínseca entre educação e os modos de produção de vida dos sujeitos do campo, visando à emancipação.

Palavras-chave: Alfabetização; Temas da realidade; Práticas sociais do Campo.

ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA REALIDADE DOS SUJEITOS DO CAMPO: O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA COMO PRÁTICA EMANCIPADORA

Considerações iniciais

Considerando que a alfabetização é uma prática social e fundamental para a educação dos sujeitos, esta pesquisa tem por finalidade compreender como a alfabetização, a partir da realidade, dialoga com a complexidade dessa realidade, com vistas à emancipação dos sujeitos. Para isso, propomos o desenvolvimento de uma prática educativa de alfabetização que auxilie os alunos na compreensão da realidade concreta, com vistas à sua emancipação.

Essa pesquisa encontra-se em andamento e se realiza em uma escola multisseriada, localizada em um território rural que tem a agricultura como a principal atividade econômica no campo. Trata de uma pesquisa participante, com o envolvimento direto do pesquisador, do professor, alunos e pais. Para isso, utilizamos como referência praxiológica na relação entre escola e comunidade, instrumentos mediadores entre o meio social do campo e a escola. O "Plano de Estudo" é um desses instrumentos de pesquisa que é constituído com questões a serem buscadas, compreendidas em suas realidades. As questões levantadas são registradas em um instrumento denominado de "Caderno da realidade". Neste caderno se registra toda a trajetória das pesquisas elaboradas na comunidade de origem dos estudantes, por meio das questões elaboradas coletivamente, nos planos de estudos. A partir do estudo dessas questões da realidade, os alunos trazem para a sala de aula as suas visões de mundo que são socializadas em um momento coletivo denominado "colocação em comum". Esses tempo/espacos dialógicos conferem ao professor, elementos para a sua organização didática, realizando a seleção dos temas mais relevantes que emergiram da pesquisa dos alunos para estudo, bem como os conhecimentos escolares que possam contribuir com a compreensão dessa mesma realidade por meio dos temas em estudo. Dessa forma, além de os alunos terem como possibilidade a compreensão da realidade concreta em que vivem, aprenderão, também, o sistema da língua por meio do ensino da leitura e da escrita. Esta aprendizagem se coloca a serviço da transformação social por meio de uma perspectiva emancipatória dos sujeitos.

Para a realização da referida pesquisa, dialogamos com autores como Bakhtin (2003), Freire (1978), Gontijo (2008), dentre outros que surgirão no decorrer do processo.

Metodologia

A partir dos pressupostos de Marx, o método histórico dialético reflete o mundo em movimento, ou seja, da sociedade e de suas relações. Trata da compreensão da realidade com as suas multideterminações, de forma que essa análise, ao mesmo tempo em que trata de uma realidade específica, a considera também como parte de uma totalidade que precisa ser compreendida, com as suas múltiplas relações.

Tendo como metodologia o método dialético, com vistas à realidade concreta, Kosik (2010) corrobora com a presente pesquisa, para compreensão da filosofia marxista; com a metodologia materialista-histórico-dialética, objetivando conhecer, compreender e possivelmente intervir na realidade para transformá-la.

A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa. (KOSIK, 2010, p. 18).

Portanto, segundo Kosik (2010) no materialismo compreende-se que é possível chegar à verdade, mas não de forma perpétua, já que essa é historicamente datada. A verdade não se apresenta imediatamente ao homem, é necessário realizar desvio para chegar a ela. Esse processo demanda explicações com base na própria realidade, buscando os movimentos que a compõem a fim de compreender o que está obscuro e confuso para chegar ao conceito do todo, agora abarcando as suas determinações e relações.

É, nesse sentido, que Kosik (2010) destaca que o concreto se torna compreensível por meio da mediação do abstrato, o todo por meio da mediação da parte, pois o caminho da verdade envolve o desvio, já que o todo não é imediatamente cognoscível. O método do pensamento que vai do abstrato ao concreto é, segundo o autor, um movimento do e no pensamento, não significa desse modo o caminho de um plano sensível para o racional, ou seja, é um movimento que ocorre no plano abstrato, cuja base é a negação da imediatidade que envolve os homens de forma sensível na representação, na opinião e na experiência. Esse caminho percorrido do abstrato ao concreto tem na dialética a possibilidade da superação da abstratividade, a dialética do concreto reproduz idealmente a realidade em sua totalidade concreta.

Nesse processo dialético, o dialogismo ganha especial relevo nessa pesquisa, a partir da teoria dos enunciados do filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin. Para este autor, o enunciado é uma atividade concreta da comunicação discursiva e está presente em todas as atividades humanas assim como, reflete as especificidades dessas atividades a partir de determinados gêneros discursivos (Bakhtin, 2003).

A linguagem e suas múltiplas relações

Segundo Machado (1996), estes gêneros discursivos mobilizam diferentes esferas da enunciação, representando unidades abertas da cultura e constituem-se por formas particulares de visões de mundo de épocas históricas. Trata de uma concepção de linguagem que considera o ato comunicativo como texto. Sem texto (oral e escrito), não há diálogo. Dessa forma, o texto não é feito de um único falante, mas várias vozes compõem um texto. Essas várias vozes são permeadas por vários contextos, tempos, culturas, de forma que o texto passa a ser uma comunicação social. Segundo essa mesma autora, o sujeito bakhtiniano é um sujeito emancipado, ou seja, é um sujeito de resposta, em que a palavra é uma arena de luta, portanto, é uma arena menor, pois é parte constituinte e constituída a uma totalidade que é a própria sociedade de classe em que vivemos. Os diversos contextos são as pequenas arenas em que a totalidade da sociedade está ali representada por meio de seus valores sociais de diferentes orientações ideológicas que se entrecruzam, visto que as diferentes classes sociais utilizam a mesma língua, em que no mesmo signo ideológico vamos confrontar valores contraditórios. Nesse confronto, afirma o autor, reside à luta de classes.

Seguindo essa direção, o diálogo é o espaço privilegiado de educação na formação de sujeitos conscientes de sua classe social e de seus modos de opressão. Paulo Freire em “A Pedagogia do Oprimido” - cujo oprimido é todo aquele que não está no topo da pirâmide social e opressores são os detentores dos recursos financeiros e conseqüentemente do poder - visa promover a compreensão dos sujeitos em relação ao lugar que ocupam na sociedade, para a sua efetiva emancipação, superação social, e propõe a práxis como fundamento de uma prática educativa que se pretende emancipadora. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor- oprimidos” (FREIRE, 1970. p.21).

Para Freire (1970), a vida humana é cheia de práxis e por isso a práxis deve ser inerente ao processo pedagógico. Assim, é possível que o estudante investigue sua realidade, conheça-a de maneira mais aprofundada e seja impulsionado a pensar criticamente sobre essa realidade com a intenção de transformá-la. Essa investigação é feita de forma que investigador e investigado, ambos aprendam, reflitam sobre as realidades encontradas e busquem formas de atuação sobre essa realidade. Quando ocorre a mudança do olhar sobre a realidade, o sujeito deixa de ser alienado, deixa de ser mera massa de manobra das classes dominantes e passa a ser um cidadão crítico. Ser crítico envolve

vivermos a plenitude da práxis.

[...] Isto é, se nossa ação involucra uma crítica reflexão que, organizando cada vez o pensar, nos leva a superar um conhecimento estritamente ingênuo da realidade. [...] Mas isto exige um pensar constante, que não pode ser negado às massas populares, se o objetivo visado é a libertação (FREIRE, 1970. p. 73-74).

Nesse mesmo caminho, Claudia Maria Mendes Gontijo traz contribuições singulares a cerca da alfabetização:

Pesquisar a alfabetização no atual contexto brasileiro é um desafio. Desafio maior é romper com as concepções de alfabetização que se tornaram hegemônicas e, portanto, já fecundaram tanto a prática como o discurso educacional brasileiro (GONTIJO, 1996, p.10 – apud GONTIJO, 2008, p. 11).

Para essa autora é fundamental uma concepção de educação que rompa com a lógica mecânica de alfabetização, uma vez que a concebe como um processo de produção de sentidos, de compreensão e não apenas de memorização das associações entre sons e letras ou vice-versa (GONTIJO 2008, p. 20). A Autora destaca ainda o caráter interacionista e dialógico da alfabetização com vistas à sua relevância para a vida.

[...] Então, ler e escrever são atividades por meio das quais as crianças expõem para os outros e para si mesmas o que pensam [...] Nesse sentido é interação com o outro por meio da leitura e da escrita; é, portanto, um processo dialógico desde o início. Penso que a idéia de dialogismo está presente nas concepções de Vigotski, ao mencionar que a escrita precisa ser ensinada como atividade relevante para a vida, como linguagem (GONTIJO 2008, p. 20).

De acordo com a autora, a alfabetização se constitui numa prática social que ocorre nas relações com os outros e com o mundo, dentro de um universo social, cultural, político e econômico. Envolve a compreensão do sistema da escrita, com suas complexas relações entre grafemas e fonemas e o desenvolvimento da consciência crítica.

A compreensão de que a alfabetização enquanto “forma de linguagem por meio da qual nos posicionamos no mundo” é bastante significativa. Por isso, a alfabetização deve manter preservado seu caráter enquanto significativa para a vida. Uma forma de proporcionar essa manutenção é tornando-a um processo articulado com a realidade dos estudantes, que é o que propomos na presente pesquisa.

Espera-se por meio da presente pesquisa produzir conhecimentos que venham fortalecer a área da alfabetização e a melhoria dos processos de ensino e da aprendizagem numa perspectiva emancipadora e transformadora que adota os enunciados como espaços discursivos dos sujeitos.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

MACHADO, Irene A. **Texto como enunciação**. A abordagem de Mikhail Bakhtin. Língua e Literatura, n. 22, p. 89-105, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/viewFile/114125/112013>>